



Lara Iavelberg

# BOCA

Número 04

20 de Abril de 2005

Instituto de Psicologia - USP

## UMA DECLARAÇÃO DE AMOR...

Tânia (03)

Estava pensando em escrever para o BOCA há algum tempo... só que desta vez não mais como antes. Hoje NÃO escrevo convidando-os a uma discussão sobre os armários para os alunos ou sobre os meninos do IP (para os que preferirem, meninos da São Remo). Também não escrevo em resposta a nenhuma discussão, como foi aquela sobre a Etologia. Desta vez, escrevo de um lugar mais meu... escrevo como quem escreve a um amigo... e os meus amigos sabem quanto isto faz parte de mim.

Mas porque estou escrevendo estas coisas para o BOCA? Então... àqueles que não são como eu, apaixonados pela proposta de um "jornal" livre e aberto a toda e qualquer manifestação de uma comunidade cingida pela Psicologia... bem... peço que pulem este texto... aqui um ALGUÉM vai se expressar sem máscaras e... sei que infelizmente... para alguns... aquilo que é o meu jeito de perceber o toque da vida em todos os meus sentidos pode parecer... sei lá... meio dramalhão mexicano... ou coisa menor.

Aqueles que me são mais próximos sabem dos percalços que passei até chegar nesta faculdade, e por isso também sabem da minha paixão por ela e pela Psicologia. A discussão sobre "O curso de Psicologia como desencadeador de sofrimento" foi, a meu ver, uma das discussões mais importantes para esta instituição. É bem verdade que saí angustiada naquele dia e... em frente à biblioteca chorei junto a uma nova amiga... Realmente o nosso curso necessita de um grau de sofrimento próprio da desconstrução que antecede o mais belo encontro: o de uma pessoa com a unicidade de sua humanidade.

Aquela discussão me fez lembrar da garota que chegou nesta faculdade em 2003... 23 anos de idade e 7 de vivã... mas apesar de estar entrando em minha primeira faculdade... cheguei ao ponto de

imaginar, com uma ARROGÂNCIA ENORME, que todos os meus sofrimentos/batalhas/tristezas/perseverança/autoconhecimento teriam feito de mim alguém que só viria à faculdade aprender alguns conceitos e teorias... éééé... a vida teima em me mostrar a grande ilusão de pensarmos conhece-la!

Enfim... hoje... aos 25 anos e 9 de divã... vivo um momento muito difícil, de desconstrução de um alguém que finalmente começa a caminhar na direção de encontrar a sua unicidade... estou frente às mazelas da condição humana... sabe aquelas diante das quais sempre encobrimos por medo de se ter de olhar para as nossas próprias? Eu tinha/tenho tanto medo daquilo que chamo de morte em vida... do final, das mudanças... mas estou descobrindo que algumas vezes só é possível construir depois da desconstrução... que (às vezes) só por meio do desencontro é que acontecem os encontros... que também pode existir beleza no sofrimento... e... acho que por tudo isto... me sinto mais humana.

Hoje, além de apaixonada pela faculdade e pela Psicologia, estou me apaixonando pela minha humanidade e pelas possibilidades que a condição humana dá a cada um de nós...

Enfim... este texto é apenas para dizer àqueles que são mais próximos, e também àqueles que não são tão próximos assim, que algumas coisas nesta vida temos de aprender sozinhos... que o caminho às vezes pode ser sofrido... mas que caminhar sozinho não significa estar só...

Deixo registrados os meus mais sinceros agradecimentos... às aulas dos professores Moura, Gilberto Safra e Paulo Albertini; à atenção/cuidado com que fui tratada (em momentos de angústia) pelos professores Vera Paiva, Maria Helena Patto e Paulo Albertini; pelos sempre carinhosos "olas"- da professora Patrícia

Izar; pelo amor e lições de vida compartilhados comigo pelo Pedro Penuela (03) e pela Dany (03); pelos lindos encontros (e também pelos desencontros) com os meus colegas: André (05), Batata (99), Carolina Ramalho (03), Cíntia (02), Cristina (04), Danilo (01), Dulce (04), Eliana (01), Fernandinha (03), Flávia (03), Guarujá (01), Gui (98?), Israel (01), João Bosco (04-05), Jonas (02), Júlia (03), Karina (04), Léo(03), Luana (03), Luciana (03), Marcelo(03), Marcos (01), Michele (02), Norma (03), Patrícia Rabaça (03), Paula Pessoa (03), Paulo Quintana(02), Priscila (02), Ronaldo (04), Rubens (01), Vitor (04); e pelas conversas sempre significativas com: Alexandre (biblioteca), Luzia e Sérgio (Ipê-Recicla), Bossi (Segurança), Nalva e Cecília (PST), Carlos - Zé - Marlene (trailler), Antonio (livreiro).

É claro que mais do que nomes, tenho lindos momentos com estas pessoas... como quando os olhos da Cris lacrimejaram ao olhar os meus cansados de chorar por passar mal com as poucas coisas que conseguia comer... ou mesmo mencionar o Pedro, ainda que envergonhado, entrando no banheiro feminino para me abraçar e dizer que eu vou melhorar... poderia mencionar a Carol Ramalho sentada comigo frente à biblioteca e juntas chorarmos... poderia mencionar a Paula Pessoa, a Patrícia Rabaça, a Karina, o João Bosco e até mesmo o André, e os gestos tão bonitos que tiveram comigo quando me deram seus sorrisos nas horas que mais precisava... enfim... poderia mencionar a beleza que vi em vários momentos vividos junto as pessoas que citei, mas para isso precisaria de muito mais do que um texto no BOCA... acho que precisaria de um outra vida só para ter tempo de apreciar tanta beleza!

Enfim... não sei bem como terminar... acho que era só isso mesmo que eu queria escrever...

# E POR FALAR EM MATEMÁTICA... Manifesto pelo fim da cobrança de ingresso na Estação Ciência

*“Em tempos como este, de sangrenta desorientação  
De arbítrio planejado, de desordem induzida  
De humanidade desumanizada, nada seja dito natural  
Para que nada seja dito imutável”  
(Bertolt Brecht)*

Nós, sociedade civil organizada, indignados com o acesso restrito e excludente à cultura em nosso país, vimos manifestar nosso veemente protesto contra a descabida cobrança de ingresso na Estação Ciência - Centro de Difusão Científica, Tecnológica e Cultural da USP. A Estação Ciência, museu situado à rua Guaicurus, no bairro da Lapa, em São Paulo, esqueceu-se de seus 17 anos de história e de compromisso social. Desde 4 de janeiro de 2005, a Estação Ciência vem impondo a cobrança de ingresso, comprometendo seu principal objetivo: popularizar a ciência e promover a educação científica.

O acesso à cultura e ao conhecimento é garantido pela Constituição, segundo o artigo Art. 106.\* A cobrança de ingresso em centros de cultura, informação e lazer, como a Estação Ciência, apesar de estar alinhada às práticas comumente estabelecidas pelo poder dominante, contraria os interesses da maioria da população, que tem seu acesso vetado pela cobrança de ingresso. Com esta prática, mais uma vez, a Universidade de São Paulo transforma o que é direito de todos em privilégio de alguns.

A lógica é sutil, porém poderosa:

Dos 26 dias de cada mês em que o museu se encontra aberto, **foram roubados da população 24 dias, restando apenas 2 em que é permitido o acesso gratuito aos visitantes.** Essa matemática insólita obviamente subverte a esfera dos direitos, compromete o acesso da maioria da população e tira

a dignidade de todos. Em uma lógica inversa/prversa demonstra a suposta benevolência do poder público, que presenteia a população com ridículos 2 dias de acesso.

Queremos o que é nosso por direito, e não privilégio e falsas benevolências! Fundamentalmente, queremos a garantia de acesso de toda a população ao conhecimento, e não a “catracalização” dos saberes proposta e executada pelos órgãos gestores da Estação Ciência!

Combater a cobrança de ingresso em centros de cultura, informação e lazer como a Estação Ciência também é, sim, uma luta pela democratização do conhecimento, pela popularização da ciência e pela defesa de uma Universidade Pública, Gratuita e de Qualidade.

Sugerimos aos senhores gestores da Estação Ciência, responsáveis pela cobrança de ingresso, que revejam urgentemente esta decisão, que exclui a maioria da população e compromete os reais objetivos da Estação Ciência. Quem Assina: Sintusp, Adusp, DCEs USP, Unesp, Fatecs e Unicamp. UEE(União Estadual dos Estudantes), UNE (União Nacional dos Estudantes), Associação dos Trabalhadores Sem Terra, MTL (Movimento Terra e Liberdade), AACP (Associação dos Alunos do Cursinho da POLI), Associação dos Moradores do Crusp, Curso Pré-vestibular Psico-USP, Espaço Cultural Tendal da Lapa, Centros Acadêmicos: Psico-USP, Letras-USP, IAG-USP, Física – USP, Ciências Sociais-PUC, (\*)

(\*) **NAC-USP (vide a baixo-assinado da Psico-USP)**

# NAC convida **todos** para um **Grupo de Estudos** sobre o **Brasil**

(Mari Ceron, do Núcleo de Ação e Crítica)

*“O espírito é essencialmente resultado da sua atividade. A sua atividade é ir além da imediatidade, é a negação do imediato e o retorno a si”*

(Georg Wilhelm Friedrich Hegel em ARrazão na História: Introdução à Filosofia da História Universal)

Não é segredo para ninguém que o NAC vive planejando estudar mais do que o “convencional” dentro da estrutura de formação que temos disponível no IP. Imbuídos de um desejo cada vez maior de entender a nossa forma de viver neste mundo e, principalmente, neste mundo periférico que é o Brasil, iniciaremos um grupo de estudos na próxima quarta-feira (27/04), 12h, no gramado.

Mas este grupo não começou o ano passado? Em parte sim, em parte não. Para os leitores assíduos deste periódico, não é nenhuma novidade a proposição do NAC de estudar teóricos do Brasil, uma vez que ela já vem desde o ano passado, quando iniciamos estudos sobre “formas de pensar o mundo” (ou formas de olhar para história).

Naquele momento, estudamos Hegel, autor pouco discutido atualmente, mas muito interessante e considerado pilar para vários autores relevantes, muitos deles críticos. A nossa intenção foi nos aprofundar nas reflexões deste autor sobre o ato de teorizar o mundo, de sintetizar a imensa variabilidade de fenômenos (fatos,

entes...) que nos aparecem e circundam. Tentamos, com todas as dificuldades inerentes, compreender de que forma Hegel postulou certa "Razão na História" e a crítica que fez de alguns "Modos de Historiografia" (que iam das chamadas história primitiva à História Universal). Discutimos, incessantemente nesta leitura, as formas de relação entre quem olha para os fenômenos e estes próprios fenômenos, bem como a relação entre os acontecimentos e o olhar do historiador. Além disso, a atividade do espírito e sua razão com finalidade humana, se renovando em sua atividade; os espíritos dos povos e o Espírito Absoluto. Enfim, muitas discussões foram suscitadas pelo texto, mas apesar de me sentir tentada a expor parte delas com mais tempo, ou linhas, infelizmente não é o objetivo deste chamado aqui, embora isto provavelmente aconteça dentro do grupo de estudos.

Iniciamos o debate teórico ano passado, como disse, já com intenções de chegar à reflexão sobre as especificidades da formação do Brasil. No entanto, um grupo de estudos sobre o Brasil é continuidade daquela proposta, mas é também diferente dela, já que uma das razões da elaboração deste grupo de estudos é lançar luz às possíveis relações entre teorias elaboradas no centro e teorias elaboradas na periferia, mesmo que sob impacto daquelas. E como as realidades de ambas as regiões se articulam mutuamente com as respectivas teorizações distintas. Este é nosso objetivo, ainda que ele possa levar uma vida toda. Ou seja, não será fácil sequer entender umas e outras teorias, cada qual no seu contexto específico. Quanto mais as relações entre teorias elaboradas no centro e teorias elaboradas na periferia, e especificamente no Brasil - enquanto periferia desta mesma totalidade. O que será que acontecia aqui enquanto a

filosofia ocidental chegava ao seu "auge" com Hegel? A nossa vontade, portanto, é simplesmente ousar querer saber, por mais difícil que seja, embora às vezes isto pareça um pouco "fora de moda" nos dias de hoje (como se pode perceber não só terça-feira passada, no encontro sobre o Sofrimento na Psicologia como em outras incontáveis situações em que compareceu certo ressentimento contra cultura, o estudo, a teoria, o entendimento, a verdade...).

Peço desculpas pelo texto confuso e, assim, sem mais confusões, espero ter sido clara o suficiente para que vocês entendam que todos os interessados serão muito bem vindos para o grupo que estamos "iniciando-continuando". Ele terá ritmo quinzenal, a partir da semana que vem, com a leitura, para próximo encontro, do capítulo "Idéias fora do Lugar" do Roberto Schwarz (Ao vencedor as batatas) - xerox na Val. A idéia localizada de iniciar com este texto pretende lançar luz a como nós brasileiros, periféricos, nos apropriamos historicamente de idéias, teorias e discursos, em sua maioria produzidos no centro da chamada civilização, que ao se confrontarem com nossa especificidade histórica, ajudam a pôr no lugar não só uma visão crítica sobre nossa realidade social, mas também ilumina a formação histórica da totalidade contraditória, e claro, suas fissuras. Para tanto, também pensamos em chamar, eventualmente, pessoas "iniciadas" para nos auxiliar em temas cruciais e difíceis.

# Vossa enfermidade

(Karol Wojtyla)

(Ou, a Utopia do

(Diego Caleiro) Obituarista.)

1 Nietzsche - Deus está morto!

Deus - Nietzsche está morto!

Nietzsche - Alguns nascem póstumos.

O Obituarista - Outros nascem enfermos, vivem embalsamados e morrem póstumos. Ah se eles não vivessem.

2 Voltaire - O mundo só terá paz quando o último rei for enforcado com as tripas do último papa.

Vossa enfermidade - O mundo só terá paz com o fim do comunismo, do homossexualismo, do aborto, da ciência, do sexo, da infância sem pecados, da igualdade sexual, da poligamia, do islã, cof cof. Hrrm! Cof cof... do materialismo, dos males da carne...

O Obituarista - Por questões de simplicidade, e promoção profissional, fico com a primeira opção.

5 Edir macedo - Eu sou o Papa.

Papa - Como as coisas vão, eu quero ser Edir Macedo

O Obituarista - Nova super produção holywoodiana. De Charlie Kaufman "Quero ser Edir Macedo, uma história de fé, desejo e dinheiro".

Ainda o Obituarista - E não percam, no próximo inverno, de Padre quevedo "Eu ainda sei o que vocês vêm fazendo aos fiéis passados"

6 INRI Cristo - Eu sou um Teodidata, Aprendo diretamente de Deus.

Nietzsche - Eu sou um ultradidata.

Slowmônaco - Eu sou um didata... ta... ta... ta...

Rui - Eu sou um Daruindata. E o INRI Cristo é ri-dículo.

Historiador - Eu anoto a data.

Vossa enfermidade, o papa - Eu sou um Antididata. Ou seria eu um Khoprodidata?

O Obituarista - Necrodidata, a seu dispor.

7 Cristo - Que morram os romanos

Genghis Khan - Que morram os chineses.

Trovadorista - Que morra o inimigo

Inquisição - Que morram os hereges.

Newton - Que morram as forças sobre-naturais.

Burguesia – Que morra a nobreza  
Locke – Que morra a dominação.  
Darwin – Que morra o criacionismo  
Haitianos – Que morra o racismo.  
Nietzsche – Que morra Deus  
Freud – Que morram os pecados.  
Einstein – Que morra o Tempo, e que morra o Espaço.

Bertrand Russell – Que morra tudo o que não é lógico.

Heisenberg – Que morra tudo o que não é quântico.

Mulheres em coro – Que morra o machismo.

Vossa Enfermidade, Karol Wojtyla – Que morra toda a história, após a inquisição.

Obituarista, pensativo – Bem, o que morrer, é lucro.

8 Marombeiro com Seu pitbull – Karol é nome de Viado

Gabriel pensador – Nome de Viado é coisa de Viado.

Marombeiro – Porra meu, cê é Viado é?

Gabriel pensador – Porra é coisa de Viado...

Papa – Nosso Senhor não perdoa Viadagem.

Gabriel – Sai com esse senhor pra lá, que Senhor é coisa de Viado.

Marombeiro – O papa é Viadinho, Viadinho; Viadinho.

Viado – Ai meu Deus, me poupe dessa gente.

Gabriel – Tem certeza que Deus é o ideal, seu Viado?

Papa – Senhor! Dá-me abstinência desse Viado.

O Obituarista – Alguns nascem enfermos, vivem embalsamados, e morrem póstumos, se eles são ou não são viados, não sei, mas eles não acham que existe viado, para eles, é só Viado. O V é maiúsculo como o S de Senhor, e o D de Deus. Volta e meia, no meu obituário, aparece um viado apedregado. E eu, que sou viado, uso camisinha e defendo o aborto, fico aqui pensando, se não seria bom que me aparecesse, na primeira linha do obituário, não um grande V, mas um pequeno k, um k do tamanho da pequenês de um indivíduo, um k que esteja diminuído numa razão de metade do tamanho para cada pessoa que morreu das mãos dele, em suma, um k que seja não mais que um ponto.

E Esse dia chegou, pois digo-lhes então. Morreu Karol Wojtyla, que não era viado, e definitivamente não era senhor.

Obs( os textos de Vossa enfermidade e de INRI Cristo foram traduzidos dos idiomas

que finalmente compartilham o estado biológico com o papa.)

Utopias, Distopias, Eutopias, Filosofias,  
www.dcaleironews.rg3.net

# BOCA? NO

José Israel (01)

**“O BOCA publica textos com autoria identificada, recebidos [...]”**

Esse é um aviso publicado em todo exemplar do BOCA, pelo qual procura-se sinteticamente informar ao colaborador em potencial, e ao leitor, o que a Comissão Organizadora (C.O.) tem considerado básico, para a divulgação do material: o colaborador deve estar identificado, bem como a autoria. Vale esclarecer: o material pode ser texto opinativo genérico, texto crítico à postura pública de alguém da comunidade PSICO-USP, ou entidade ou instituição, bem como, texto literário (poesia, prosa etc.), contendo o texto, em cada caso, eventualmente, ilustração. Essa posição da C. O. consolidou-se já desde o início de 2000 em que houve farta discussão a respeito, compartilhada na ocasião com membros da gestão do CAII. **O objetivo tácito desses requisitos é assegurar a cada membro da comunidade a sua liberdade de expressão com responsabilidade.**

Tudo isso é cartesianamente claro e evidente, pois sim? Pois nada! Veja você o porquê na transcrição praticamente direta que faço a seguir de dois excertos de contos publicados como **eróticos**, em livro, os quais têm por foco a **cunilíngua**.

I – “À MANEIRA DOS CÃES”, de A. N. Afanassiev (1826-1871; Rússia)

“Num certo país, num certo reino, vivia um grão-senhor: ele tinha uma filha muito bonita. Um dia, ela passeava acompanhada de um lacaio, e este pensou:

– Que bela flor! Não há nada no mundo que eu deseje mais do que ter o prazer de

[...], ainda que uma vez apenas; se assim for, nem a morte me assustará mais!

Pensou, pensou e, sem sentir, disse em voz baixa:

– Ah, bela senhorita! Se eu ao menos lhe pudesse saudar à maneira dos cães!

A bela jovem ouviu estas últimas palavras. E assim que voltou para casa, mandou chamar o lacaio, ao anoitecer.

– Repita, seu cretino! – disse-lhe ela. – O que você disse quando eu estava passeando!

– Perdão, senhorita! Eu disse tal e tal coisa.

– Pois bem, para você aprender, comece agora mesmo a imitar um cão; caso contrário, conto tudo ao meu pai.

E a jovem levantou a saia, pôs-se de quatro, o traseiro ao ar livre, e disse ao lacaio:

– Abaixese e cheire, como fazem os cães!

Ele ficou de quatro e pôs-se a cheirar.

– E agora, lamba como lambem os cães! Ele foi lambendo uma, duas, três vezes.

– E agora comece a correr à minha volta!

– Ele pôs-se a correr em volta da garota. Deu dez voltas, e recomeçou a cheirá-la e lambê-la. Fazer o quê? O pobre lacaio estava exausto, mas continuava a cheirá-la; cuspiam, mas continuava a lambê-la.

– Pois bem, por hoje é só – disse a jovem. – Vá dormir e volte aqui amanhã à noite.

Na noite do dia seguinte, a jovem mandou chamar o lacaio:

– E por quê, seu patife, você não veio por iniciativa própria? Não posso ficar mandando te procurar toda noite. Cabe a você saber o que deve fazer!

E assim dizendo, ela levantou a saia, pôs-se de quatro e o lacaio começou a cheirar sua bunda e a lambê-la sua [...]. Dez vezes de novo, ele correu em volta dela, depois recomeçou a cheirar e a lambê-la.

A jovem se regalava todo esse tempo, mas acabou sentindo pena dele: acabou dei-

# Lembranças da IARA

## Reunião de Pauta Conjunta 12-04-2005

### Festa conjunta com a química

Projeto encabeçado por Anna (04) e Leo Mamute, visa realizar uma festa em conjunto com a química de libertação dos Bichos. A idéia inicial é de que os próprios bichos organizem a festa, sendo que os veteranos da Psi e Química apenas direcionariam e prestariam alguma acessória. Pensa-se em realizar a festa no gramado da Psi. Anna se responsabiliza por conversar com os bichos da Psicologia.

Projeto CINEpsi e dia da luta antimanicomial

O grupo se propôs a organizar uma projeção (do filme 'Um Estranho no Ninho') e debate para o dia da luta anti-manicomial. A idéia é de que a projeção ocorra uma semana antes do dia (11 de maio) uma vez que no dia haverá um ato na Paulista. Houveram propostas de ampliar o evento, realizando um dia de debates sobre a luta, porém a idéia ainda não foi encaminhada.

Proposta de Festa e Ato no dia da votação.

Vitor propõe realizar uma festa na Psi sobre o tema e mobilizar um ato para o dia da votação na Câmara Técnica (9 de Maio). Ele ficou responsável por escrever um texto para o BOCA explicando a situação e a importância do movimento, bem como de trazer para as próximas reuniões a viabilidade de organização.

Caminho para a Praça do Relógio

Matias (00), pesquisou o preço de cascalhos para por no caminho que freqüentemente fica enlameado (com as chuvas) para a praça. Os custos totais foram estimados por R\$150,00. Um ofício já foi enviado à diretoria pedindo a construção do mesmo no ano passado. Será portanto verificado (pelo Ronaldo 04) qual o encaminhamento atual, e caso não haja possibilidade do instituto viabilizar a

construção, retornaremos a essa proposta.

### Projetos do CAII

Nas reuniões de planejamento do CAII, diversos projetos/idéias foram apresentados. No entanto, nem todas as pessoas que os propuseram compareceram à segunda reunião para discutir a viabilidade de cada projeto. Elaboramos uma folha que será distribuído para todos que tiverem alguma idéia para propor para o CAII, onde poderão nos esclarecer e melhor estruturar essa idéia como um projeto. Perguntas simples como quais os objetivos, quais pessoas interessadas, quantas pessoas necessárias, quais os recursos que necessita do CAII, etc, ajudarão a melhor formalizar o projeto. Tânia (03) elaborou e ficou responsável de imprimir as cópias do questionário, estaremos distribuindo nas reuniões do CAII.

### Funcionamento do CAII

Ronaldo põe em discussão a forma como o CAII vem funcionando. Ele propõe que as duas reuniões (organizacional e de pauta conjunta) sejam unificadas, que as propostas sejam já encaminhadas na reunião (sem a separação de uma outra reunião para viabiliza-las) e que mais discussões políticas sejam trazidas ao CAII (sendo essa forma de funcionamento proposta como um jeito de melhor trazer essas discussões). Ronaldo (04) se propôs a escrever um texto melhor explicando sua proposta.

### **Informes:**

- Foram disponibilizadas 50 cópias de xerox da cota do CA para Guilherme (formado) distribuir um manifesto.

- Luciana se propõe a agitar uma festa em conjunto com a Biologia

- Mario (02) está organizando um Grupo de Estudos sobre Saúde Pública que será quinzenal.

- A professora Vera Paiva passará um filme (Borboleta Azuis) sobre a questão GLBT para a pós-graduação, e se houver interesse dos alunos, essa projeção seria para todo o IP e ela chamaria o diretor do filme para discutir o assunto.

Oficina da Som – Anna (04) e Leo Mamute está organizando a oficina, que será de 15 em 15 dias, no lugar do Rock & Breja.

## Luta

## Antimanicomial precisa de ajuda

Victor (01)

Eu estive no último fórum da luta antimanicomial e na última reunião da comissão municipal para reforma psiquiátrica, e a ala manicomialista da comissão está tentando desfazer a própria comissão, aonde o segmento dos usuários ainda tem direito a paridade representacional, que significa democracia e representação de igual número de pessoas de cada segmento (técnicos, usuários e familiares). O que os manicomialistas sugerem é confusão entre democracia e burocracia, sugerindo que a democracia precisa ser enxugada e que a comissão paritária seja substituída por uma câmara técnica temática, e ainda com o argumento hipócrita de que usuário de hospitais psiquiátricos é sempre bem vindo (menos na hora de votar! Que mentira!). A câmara técnica obviamente seria composta por técnicos. O pessoal antimanicomialista conseguiu adiar a votação através do argumento de que a comissão estava subordinada à confederação que a instituiu. A votação para esta transformação foi então marcada para o dia 9 de MAIO, e não Março como saiu no Boca. O endereço desta

tando-se na cama, levantou a saia na frente e consentiu que ele a [...] uma vezinha só. O laçao cumpriu sua tarefa e disse:

– Não faz mal. Precisei lambê-la toda, mas consegui o que eu queria! “

II – “A ESPECIALIDADE DE LILÓ”, Hilda Hilst (1930-?; Brasil)

“Antes da fala da igreja vou falar do bordel a 30 quilômetros da Gota do Touro. No bordel todo mundo gostava de ver Liló lambem as putas. E ele adorava que o vissem. Era um sujeito atarracado, elegante, doídam por [...] de puta. Tomavam três ou quatro cálices de cachaça puríssima que as mulheres encomendavam lá de Minas, e aí começava um ritual danado. Dizia: quem é a primeira hoje? As mulheres riam, os homens davam seus palpites. Nessa noite havia uma moça novata, chamada Bina. 18 anos, a cabeleira opulenta até a cintura, ancas avantajadas, seios delicados, boca de mulata, polpuda, e que dentes! Liló só estava interessado na cona da moça. Todo mundo começou a gritar Bina! Bina! Ela riu dengosa, fez muxoxo de acanhadinha e Liló foi ajeitando a cadeira de veludo rosa, fofa, porque era naquela cadeira que ele gostava de examinar qualidade, espessura e tamanho das cricas. O pessoal ficava à volta bebericando, ele mandava a mulher se sentar, fazia vênias, perguntava se não queria um gole de vinho doce, era gentil feito embaixador. Nesse dia, então, foi Bina. Liló gostava da moça vestida. Ele ficava só de cuecas. Um cuecão muito branco, largo, a [...] pra dentro. Bina sentou-se. Alguns homens já ficavam de [...] duro logo nesse pedaço. Outros não agüentavam ver até o fim e ejaculavam ali mesmo encostados nas outras donas. Liló ajoelhava-se. Ia levantando devagarinho a saia da moça dizendo “abre lindinha, abre um pouco mais, vem mais pra frente da cadeira, não fica nervosa bichinha”. O prazer de Liló era o acanhamento postico da mulher. Todas sabiam que ele só gostava se a mulher fingisse pudor, um pouco de receio no início, um tantinho de apreensão. Quem ia ser chupada já sabia disso. Gostava também que usassem calcinha. Ia empurrando o tecido da calcinha para a virilha da mulher e esticava os penelhos devagar. Depois tirava a calcinha e começava a examinar a [...]. Vejam, ele dizia, esta é de cona gorda, peitudinha de boca. Os homens se inclinavam. Alguém dizia: deixa eu dar uma lambida, Liló? Calma, cara, o assunto é comigo agora. “

Os dois contos encontram-se no livro “As 100 melhores histórias eróticas da literatura universal”, de Flávio Moreira da Costa (org.), Rio de Ja-

neiro, Ediouro, 2003 – p. 183 e 572, respectivamente. Mas isso não é garantia de que sendo textos arrolados como eróticos, um deles também não seja pornográfico, fato esse que o tornaria inadequado, por excesso, àquela edição. Porém, como “não existem referenciais absolutos” (Einstein), ser ou não ser pornográfica é uma contingência da obra literária, dependentemente dos referenciais adotados. Um deles, por exemplo: é a natureza da mídia utilizada; outro, o público a que se destina, e, ainda, um outro, a faixa etária.

O conto do Afanassiev (o “I”) foi considerado pornográfico e proibido por 150 anos. Atualmente, pode ser visto apenas como um texto irreverente, humorístico e quase inocente. A descrição da cunilíngua real, seguida de coito, é indireta, incompleta, tem escassa referência ao genital em si.

O conto da Hilda Hilst (o “II”) é visto pelo organizador do livro como uma obra “de uma escritora de literatura “séria”, que resolve enfrentar o mau gosto e o interdito da pornografia. Nela, a autora está onde sempre esteve, isto é, desestruturando e reformulando a linguagem, com muita catarse e inventividade...” No entanto, percebe-se que, apesar da qualidade literária de “II” ser vista como superior à de “I”, a descrição da cunilíngua real em “II” é focalizada, direta, minuciosa, completa, abundante em palavras chulas. Seria então o texto da Hilda Hilst pornográfico e o texto do Afanassiev apenas erótico? Chi lo sa?

Em 2003 foi editado o BOCA ESPECIAL ERÓTICO que tinha por objetivo dar vazão, concentradamente, ao material de natureza erótica recebido sob esse enfoque. Esse objetivo fora antecipadamente divulgado e a C. O., à vista das colaborações recebidas, pôde assumir tacitamente que todo o material atendia o objetivo, ainda que algum texto o tenha extrapolado. Além disso, o diagramador, artisticamente, dispôs de “ponta cabeça” todo o ma-

terial enviado como erótico ao listador, diferenciando este material claramente daquele restante enviado para a publicação numa edição corriqueira.

Tenho ouvido e lido nos últimos meses críticas quanto à publicação ou não publicação (“censura”) de textos opinativos/críticos ou de cunho literário, inclusive de suas ilustrações no BOCA. Critica-se a obediência cega a regras, quanto a sua natureza de necessárias, mas, há também quem critique o automatismo de publicação do material – desde que esteja conforme as regras –, implicando esse automatismo o desconhecimento da incidência de “regras” de caráter mais abrangente, como as da ética pública, moral e legal.

O tema é muito complexo. Visualize, a propósito, leitor (a), os contos I ou II a conter, também, ilustrações explícitas do que foi relatado. Se nesses casos de relato/ilustração de temas relativos à eroticidade ou à sexualidade explícita fica difícil uma clara decisão sobre a adequação ou não da sua publicação em um boletim não especial, como fica a decisão a respeito da veracidade/falsidade do que é expresso como opinião, genérica ou especificamente dirigida a alguém, entidade ou instituição, quando feito por um(a) colaborador(a) que se enquadra nas regras; especialmente, o que deve nortear o(a) listador(a), em sua ação solitária, no encerramento da edição; ou, fundamentar a decisão da própria C.O., em sua reunião semanal, quando solicitada a se posicionar pelo(a) listador(a), naqueles casos em que não há conhecimento público, de modo suficiente, da realidade do evento imputado a terceiro(a)?

Creio que passados já cinco anos desde aquele debate sobre a liberdade de expressão (com responsabilidade ou sem?), a C. O. está carente de posicionamentos da comunidade PSICO-USP a respeito.

(continuação)

votação será na Rua Eneas de Carvalho Aguiar, 188, sexto andar, sala 600, às 14:00 horas. É muito importante que todos que apóiam a luta antimanicomial apareçam. Copiando uma nota de rodapé da Fabricação da Loucura de Thomas Szasz." Segundo Frederick G. Glaser: "Inevitavelmente se pergunta se devem ser tomadas sanções de algum tipo contra o Dr. Szasz, não apenas pelo conteúdo de suas opiniões, mas por causa da maneira pela qual as apresenta. Preferiu não limitar-se a uma discussão nos círculos de especialistas, como se vê pelo seu artigo numa revista (no Harper's), aliás, não o primeiro que escreveu." Essa intolerância é compreensível. A dúvida quanto à existência ou periculosidade dos doentes mentais limitaria os métodos permitidos aos psiquiatras institucionais para combater a doença mental, assim como a dúvida a respeito da existência ou periculosidade das feitiçarias teria limitado os métodos permitidos aos inquisidores para combater a feitiçaria. Por isso, a Inquisição floresceu enquanto seus agentes tinham os poderes concedidos pela sociedade a que serviam. A Psiquiatria Institucional atualmente floresce pela mesma razão. Apenas quando esses poderes são limitados é que uma instituição deste tipo desaparece."

Pode rir, rir, mas não desacredita não. Trouxe uma denúncia de um camarada de codinome Fernando (hehe, esse era o nome do nosso psiquiatra, entre parentesis é comentário meu):

"Aqui em Censurado, na Clínica Censurada, no setor Censurado (entenda-se hospício particular para ricos, segundo a minha mãe o melhor da América Latina) existem proibições absurdas(entre elas: namorar e portar ou usar filmadoras, máquinas fotográficas e gravadores com microfones). Vim até esta para me tratar de depressão, conquistei amigos e amigas ao longo do tempo, e quando eu estava me sentindo bem começaram as chantagens. Eu tinha uma amizade com uma mulher, nunca mantive contato físico com ela (o que era proibido) mas mesmo assim eles nos ameaçaram, dizendo que se não nos separasse-mos isso iria provocar consequências para ambos. Os enfer-

meiros diziam a palavra com tom de ameaça. Isso aconteceu com outras pessoas também, por isso nos sentimos acuados e com as mãos atadas. Ameaçaram cortar a alta de várias pessoas por chantagem (inclusive a minha). Além de que só há 1 psicoterapeuta para mais de 30 pacientes e ela não dá conta (me ameaçaram por fazer um abaixo-assinado para contratação de mais terapeutas). Na verdade vim para melhorar e a cada dia, devido as chantagens, estou piorando (testemunhei isso). Fazem isso com todos, eles conseguem manipular quase todo mundo, e quem eles não conseguem manipular fazem pressão e chantagem."

O próximo Fórum da Luta Antimanicomial será dia 7 de MAIO, na rua Maria Antônia, 294, sala 103, acho que 12:30h. Todos vocês serão bem vindos.

## Sofrimento no Instituto de Psicologia

Mário César - chuchu (01)

Gostaria de melhor explorar alguns pontos que não pude aprofundar, devido a escassez de tempo, na discussão do curso de *Psicologia como desencadeador de sofrimento*.

Referente à fala do Zílio: "*quando vou à uma lanchonete e peço um x-tudo e recebo um x-nada. Obviamente irei reclamar*" comparando as expectativas de um aluno ao entrar no curso de Psicologia na USP com as expectativas de um consumidor numa lanchonete, e prontamente criticada pela Profa. Patto: "*não sou vendedora de hamburgueres, ... o ensino não é uma mercadoria...*", imagino que a metáfora utilizada pelo colega tenha sido interpretada de maneira insuficiente. Pois o que mais se critica em um serviço público é a falta de responsabilidade, empenho e desperdício de recursos públicos pelos servi-

dores, e concomitantemente, a falta de um mecanismo que possa de alguma maneira amenizar os efeitos de tamanha irresponsabilidade. Temos alguns casos de professores que não se empenham em ministrar um bom curso, outros sem ética e sem *simancol* para lecionar e lidar com questões referentes ao convívio com o outros personagens deste espaço social, por exemplo: professor chega com 1 hora de atraso no dia de uma prova, cheirando a bebida alcoólica, sem contar os inúmeros atrasos durante o mesmo curso e em outros semestres. Ou um professor que visivelmente não possui critério para a avaliação, o que possibilita algum conflito que pode ser de ordem pessoal com alguns alunos. Quais são os procedimentos em casos como estes? Estou aqui há quase cinco anos e até agora, não vi nenhum! De que adianta a avaliação no Sistema Júpiter? De que adianta reclamar e cobrar que professores como estes sejam punidos? Até agora, não sei, pois os mesmos continuam lecionando, mesmo antes eu adentrar nesta UNIVERSIDADE. Se a visão do Zílio é mercadológica eu não sei, mas a minha é de que não há mobilização e sensibilidade por parte dos órgãos competentes para lidar com estas questões, ou seja, que o Sistema favorece e legitima a posição dos mesmos que são criticados há muito.

Para reafirmar a discussão anterior, gostaria de lembrar de um fato ocorrido quando eu estava na gestão 2002/03 no CAII: naquela ocasião, os livreiros reclamavam que em fortes chuvas eles se molhavam pela falta de um anteparo no corredor. Sugerimos em reunião com o, então, diretor que colocássemos toldos removíveis nos corredores para que as pessoas não se molhassem, inclusive as que estavam na lanchonete. Nosso diretor respondeu que não seria viável pois primava pela *estética* do corredor. Então, pontuamos que era necessária a *limpeza* das teias de aranhas no corredor, pois era insuportável andar naquele local e a todo instante uma aranha descer de sua *casa* assustando as pessoas. Bem, apenas no

(Continuação)

ano passado o corredor foi limpo. Contraditório, não?

Houve uma época que bastava comparar os papéis higiênicos do prédio dos professores e dos alunos para ver algumas diferenças de tratamento.

Percebi muitas contradições em alguns discursos que surgiram na discussão: alguém falou do sofrimento dos professores no atraso dos alunos nas aulas, porém os mesmos professores também chegam atrasados a diversas aulas. E como uma outra pessoa disse: *“professor competente não precisa de lista de chamada pois sua aula sempre esta cheia”*.

Uma fala chamou-me demasiadamente a atenção: *“não consigo ir à uma festa e não ver o outro como um Outro, e sim como um Outro freudiano”*. Será que esta é uma crítica válida apenas ao IP? Ou será que a maneira como os alunos se apropriam de dadas teorias é preponderante neste caso?

Estou no 5º ano e resolvemos rifar alguns livros do Dostoiévski para ajudar com as despesas da formatura. A mesma pessoa que se queixa de apenas conseguir ver o Outro como um Outro freudiano, reclamou dizendo que deveríamos rifar livros de psicologia, pois seria difícil rifar os livros do Dostoiévski.

Retomando uma pergunta que fiz em um texto escrito no semestre passado no BOCA: *a institucionalização das teorias ou das instituições não faz com que haja uma incorporação na subjetividade deste “corte da realidade” (teoria)?*

Estamos num currículo que

em alguns semestres “oferece” oito matérias obrigatórias, num curso integral, separado da área de humanidades (antes a psico era um departamento ?? da Filosofia). Alguns reclamam que não temos a cadeira de filosofia na graduação, mas, antes de estarmos no IPUSP, estamos na **UNIVERSIDADE** de São Paulo, ou seja, há a possibilidade de cursar disciplinas fora do IP, de ao menos conversarmos com os professores de outras unidades, de conhecer pessoas que tiveram um outro tipo de contato com a universidade. A USP é um das poucas universidades que possuem tamanha variedade de cursos.

Na medida em que nos abrimos para outros recortes do real, talvez, seja a possibilidade de não nos tornarmos capturados por uma forma/discurso/visão de mundo, o que pode possibilitar outras formas de estar no mundo. A experiência diferenciada, a que me refiro, pode ocorrer das mais variadas formas: cursar disciplinas em outros departamentos (FFLCH, FAU, ECA, ...), viver experiências estéticas (filmes, literatura, exposições, etc), ou uma longa viagem transformando totalmente sua rotina (não como turista e sim como viajante), ou trabalhar em algo desvinculado à USP.. Se as teorias/recortes/visões de mundo são temporais, podemos estar capturados por uma que já datou, ou que não é suficiente para interagir, trabalhar, etc. Ou será que é à toa o estereótipo do psicólogo que fica analisando as pessoas numa festa ao invés de aproveitar a festa? Ou, será que o discurso, a linguagem e as atitudes de uma pessoa capturadas por uma teoria numa instituição de ensino serão suficientes para o exercício

profissional, por exemplo, numa instituição empresarial? E num processo terapêutico, como seria a incorporação de uma experiência estética?

Prosseguindo na lógica apresentada pela Profa. Patto de que estamos numa sociedade narcísica e consumista e que isto está se transferindo para o IP: alguém já pensou quanto tempo permanecemos/convivemos neste Instituto? Diversos estudos são realizados com trabalhadores que permanecem oito horas por dia no serviço mais três (sendo otimista) no trânsito, será que há alguma semelhança com a graduação de psicologia? Semelhanças sim, porém, não temos que ficar oito horas produzindo, temos mais tempo para interagir, nos conhecermos, jogar sinuca, xadrez, etc. Alguém já parou para pensar o quanto nos consumimos?

Vamos à estatística: das últimos 5 baladas/encontros, das últimas 5 pessoas que você conheceu/conversou e achou uma pessoa simpática/agradável e das últimas 5 pessoas com que você se relacionou amorosamente, quantas eram do mundo Psico-usp? Ou apenas do mundo Psi?

Na discussão vi muitas referências às classes: professores, alunos e funcionários. Mas individualizando a questão: qual a parcela de responsabilidade que cada um possui em seus próprios sofrimentos. Falar mais para si sobre si mesmo! O que você quer? Que biografia você quer construir para você mesmo e não para os outros?

*“Maldito aquele que não consegue olhar diretamente para sua própria face”.*

# Big Psico Brasil – Semana 4

Jonas Boni (02)

A prova do líder foi muito conturbada. Sílvia bebeu demais e começou a passar mal. Enjôos, vômitos e muita gritaria. Apenas Marilene e Mariovaldo ajudaram a companheira durante a bebedeira. Sílvia gritava aos quatro cantos da casa que estava apaixonada por alguém na casa, mas que não conseguia falar por quem era. Mílvia estava sentada lendo um livro, às vezes se levantava e oferecia alguma ajuda. Pela primeira vez na casa, Mílvia mostrou-se menos arrogante.

Anderson também tinha bebido muito, entretanto trancara-se no quarto sozinho. Sandoval estava completamente deslocado com a movimentação causada por Sílvia. Como não era o centro das atenções, foi até o quarto de Anderson e começou uma conversa. JC dormia no sofá da sala.

Todos estavam vestidos com suas respectivas fantasias. Marilene e Mariovaldo preocupados com Sílvia decidem tirar a roupa de “galo”, para darem um banho de água fria. Ela estava mole e quase desacordada. Marilene se esforçava para segurá-la. Mariovaldo parecia meio tímido e com receio de tocar no corpo da moça. Marilene, muito direta como sempre, cobra uma atitude dele. Ele enfim a ajuda com mais precisão.

Após Sílvia estar dormindo. Marilene e Mariovaldo sentaram-se à beira da piscina e começaram a conversar. Foram horas de conversa. Naquela noite, uma forte intimidade entre eles nasceu. JC acordou e juntou-se com os dois. Há quase quatro semanas na casa, JC conhecia bem Marilene. Não precisou muito para perceber que ela estava envolvida por Mariovaldo. O detalhe é que ele namorava, há muito tempo.

Anderson e Sandoval ainda no quarto falavam sobre diversos assuntos. De música à televisão, os meninos trabalhavam assunto após assunto numa conversa despreziosa e animada. Mílvia interrompe subitamente a conversa ao entrar no quarto. Parada à porta não disse apenas uma palavra, embora apenas isso já tenha sido um bom motivo para Anderson se levantar e sair do quarto. Mílvia olha para Sandoval. “Eu sou tão chata assim?”. Passando as mãos nos cabelos, Sandoval responde com delicadeza,

“um pouco”. Mílvia sai do quarto e fecha a porta. Senta-se à mesa da cozinha e chora.

Anderson tira a roupa de “burro” e entra na piscina. JC, Marilene e Mariovaldo ainda estavam por perto. Anderson aproximou-se e os convidou para nadar com ele. Todos aceitaram. Um a um despiu-se de suas fantasias.

Restavam apenas Mílvia e Sandoval vestidos: a “Coruja” e o “Camaleão\*<sup>1</sup>”. Mílvia prepara um café e vai para o quarto. Tira sua fantasia e deita para ler um livro antes de dormir.

Neste momento, a grande voz interrompe.

Grande Voz: “Participantes, interrompam suas atividades. O líder da semana é Sandoval. O anjo é Anderson. Dirijam-se à sala, neste momento terão que indicar os emparedados, e você, Anderson, quem irá salvar”.

Todos entraram na sala naquele momento, com exceção de Sílvia, ainda deitada. Anderson e Sandoval estavam apreensivos, apesar de Sandoval sentir-se demasiadamente feliz em ser o líder e assegurar mais uma semana na casa. Anderson não conseguia dizer nada. Ficou mudo, pensando em quem salvar naquela semana.

Grande Voz: “Eu percebo que Sílvia ainda não está na sala. Alguém, por favor, vá chamá-la”.

Marilene corre até o quarto e tenta acordar a moça. Ela ainda está completamente bêbada e jogada sem qualquer sinal de melhora. Após chacoalhar, puxar os braços; inúmeras tentativas em acordar Sílvia, sem sucesso algum, Mariovaldo adentra ao quarto.

Mariovaldo: “Você precisa de ajuda? A Grande Voz está chamando vocês, você não está escutando?”.

Marilene: “Estou, mas ela não acordar de jeito nenhum”.

Mariovaldo aproxima-se de Marilene. Num movimento único e brusco, os dois tentam puxar o braço de Sílvia. As mãos se tocam. Eles se olham e o silêncio imperou. Marilene sentiu sua boca secar e um leve ‘frio na barriga’ tomou conta do momento. Mariovaldo largou o braço de Sílvia, Marilene não agüentou o peso da moça e ela caiu novamente na

cama. Sílvia acordou. Mariovaldo saiu do quarto. Marilene levou Sílvia para a sala.

Grande voz: “Anderson, neste momento quem você irá salvar do paredão?”.

Anderson: “Eu fui pego desprevenido e não havia pensando em ninguém. Eu posso votar em mim mesmo?”.

Grande voz: “Não, não pode”.

Anderson: “Então, eu voto na Sílvia porque acredito que após essa noite ela irá com certeza para o paredão, e eu irei com ela, já que não posso me imunizar”.

Grande Voz: “E você, quem indicará para o paredão?”

Sandoval: “Sem dúvida alguma, Mílvia”.

Mílvia perplexa recebe a notícia. Olhou para Sandoval com muito ódio e disse baixinho, “como ele pôde votar em mim com tantos alienados nesta casa?”. Marilene escutou o sussurro e respondeu, “porque você é não é esclarecida, já que não pode ser nem humana”.

Grande Voz: “Todos os demais para o confessionário”.

Mariovaldo: “Eu voto no Anderson, pois quem eu queria votar já está no paredão”.

Marilene: “Eu voto no Anderson, porque eu votaria na Mílvia, mas ela já está no paredão”.

Sílvia completamente bêbada e sonolenta diz: “Eu voto no JC. Ele não se toca que atrapalha o romance entre o Mariovaldo e a Marilene. Ele precisa paquerar alguém, ao invés de atrapalhar quem ta querendo namorar”.

Anderson: “Eu voto na Sílvia, por falta de afinidade”.

Todos voltam a se reunir na sala.

Grande Voz: “O paredão será entre Mílvia e Anderson”.

Marielne: “Agora todas as máscaras irão cair. Será que alguém conseguirá se manter intacto?”

\*Não foi dito que Sandoval vestiu-se de “Camaleão” na semana 3.

# DIAS AMARGOS

Bossi-funcionario do bloco F

Semana santa, páscoa e ressurreição  
Era para ser horas e durou um tempão  
Meu coração me traiu sem piedade  
E agora repouso no coração da cidade

Acordo de um sono profundo  
Pensei que fosse o fim do mundo  
Da janela vejo o Masp e a Paulista  
Palco de lutas e conquista

Meu corpo imóvel e mente trabalhando  
Ouço pessoas caminhando e passeando  
Neste momento em que estou só  
Lembro da mãe, do pai e da vó

Aquí esteve filhos e minha irmã adorada  
Como mãe me cuidou até de madrugada  
Muitos vieram me prestar solidariedade  
Amigos e alunos da Faculdade

Agora pronto e restabelecido  
Penso com calma no acontecido  
Fiz um balanço do Homem ao menino  
E com cautela vou seguir o meu destino

soterrados em divagações  
posturas  
posições  
trincheiras

andando por entre mortos  
e assassinos  
assaz perdidos

um mundo de fatura  
informação  
consumo  
história

mas as dores continuam as mesmas  
e a solidão,  
batendo em nossas portas

Claudia De Simone (02) a nos dizer que somos homens.

# Cega paixão

João Rodrigo I. Matsumoto (03)

Súplicas não possuem mais significações,  
Recolho-me a um mundinho tácito,  
Completamente vazio de realizações,  
Mecanismo de defesa contra seu amor ácido.

Rebaixar-me havia tornado corriqueiro,  
Fui submissa a seus ideais com frequência,  
Contentava-me com seu ser não cavalheiro,  
Estava acomodada com sua completa ausência.

O tempo é poderoso por sua sapiência,  
Determinado momento da vida resolvi resignificar,  
Paradoxal: puramente emotiva utilizei a inteligência,  
Contrariei a voz da minha alma ao te abandonar.

O sentido da minha paixão era a ausência da visão,  
Contaminei-me por sua força avassaladora,  
Amei-te de maneira totalmente amadora,  
Elevei a categoria superior o seu gélido coração.

## COMISSÃO ORGANIZADORA DO BOCA

Dailza Pineda (04), Guilherme Valente (04), João Bosco (05), Jonas Boni (02), José Israel Guêdes Rodrigues (01), Karina Schmidt (04), Leandro Salebian (05) e Patrícia Ferreira Rabaça (03).

Diagramação: Jonas Boni (02)

Reprografia: José Carlos de Carvalho e Maria Betânia da C. Grangeiro.

O BOCA publica textos com autoria identificada, recebidos no boca@yahoogrupos.com.br até às 12h do domingo, como anexo da mensagem do seu encaminhamento e no formato MS-Word doc, observando-se a ordem do recebimento e o limite máximo de 5000 caracteres (inclusive espaços) por texto, quando o número de páginas previsto para a edição impuser a necessidade desse limite. Há mais normas operacionais tanto para o recebimento de colaboração, quanto para a sua edição, que serão informadas sempre que haja solicitação específica. A responsabilidade pelas opiniões e informações publicadas é inteiramente dos respectivos autores.

**A C. O. do BOCA reúne-se toda terça-feira às 12h00min, à sombra do Ipê em frente da Biblioteca do IP. PARTICIPE!!!**